
“Descrever a banalidade do cotidiano” e inscrever o ofício de pesquisador: o legado de Carlos Rodrigues Brandão na pesquisa participante do grupo Opará-Mutum, Norte de Minas Gerais

“Describe the banality of everyday life” and inscribe the researcher’s job: the legacy of Carlos Rodrigues Brandão in the participatory research of the Opará-Mutum group, North of Minas Gerais

Maria Cecília Cordeiro Pires* 

Laís Pereira Costa* 

Resumo

Esse relato de experiência tem como objetivo demonstrar o legado de Carlos Rodrigues Brandão na pesquisa participante do/no mundo rural do Norte de Minas Gerais. Usando as suas reflexões sobre o ofício de pesquisador, narramos sobre as pesquisas realizadas pelo OPARÁ-MUTUM: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco (CNPq/Unimontes), grupo que Brandão fundou em 2011 e foi coordenador. As pesquisas do Opará-Mutum se caracterizam como predominantemente qualitativas, com enfoque em geografia humana, antropologia e sociologia, com o intuito de compreender a densidade e complexidade dos distintos processos junto aos sujeitos. Para exemplificar, descrevemos a experiência do projeto “Sujeito Agente – Pessoa Sertão: cultura popular e patrimônio cultural no Alto Médio São Francisco” (2012-2014, apoio FAPEMIG), um projeto que ocorreu como uma devolutiva a comunidades anteriormente pesquisadas, onde quem construiu o projeto de pesquisa e executou as etapas metodológicas, foram as equipes de moradores/pesquisadores, com auxílio da equipe acadêmica. Avançamos de uma visão de passividade dos sujeitos pesquisados, para o envolvimento da pesquisa participante, onde eles passaram a atuar e tornaram-se autores, agentes de todo o processo.

Palavras-chave: Pesquisa Participante; comunidades tradicionais; Opará-Mutum; Norte de Minas Gerais.

Abstract

This article aims to demonstrate the legacy of Carlos Rodrigues Brandão in participatory research in/in the rural world of Northern Minas Gerais. Using his reflections on the profession of researcher, we narrate about the research carried out by “OPARÁ-

* Universidade Estadual de Montes Claros, PPGDS/OPARÁ-MUTUM, Montes Claros, MG, Brasil
E-mails: mariaceciliacordeiropires@gmail.com; laispereiracosta@yahoo.com.br

MUTUM: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco” (CNPq/Unimontes), a group that Brandão founded in 2011 and was coordinator. The Opará-Mutum studies are characterized as predominantly qualitative, focusing on human geography, anthropology and sociology, with the aim of understanding the density and complexity of the different processes within the subjects. To exemplify, we describe the experience of the project “Sujeito Agente – Pessoa Sertão: cultura popular e patrimônio cultural no Alto Médio São Francisco” (2012-2014, FAPEMIG support), a project that occurred as a return to previously researched communities, where those who built the research project and carried out the methodological steps, were teams of residents/researchers, with the assistance of the academic team. We moved from a view of passivity of the researched subjects, to the involvement of participatory research, where they began to act and became authors, agents of the entire process.

Keywords: Participant Research; traditional communities; Opará-Mutum; North of Minas Gerais.

Introdução

Como um pesquisador chega no mundo rural? Carlos Rodrigues Brandão (2004, p.129) diz que em muitas áreas “os semelhantes se atraem [...] e as pessoas nascidas na roça pesquisam gente nascida na roça”, algo que iria contra a hierarquia de grandes clássicos, onde “sempre somos nós que falamos de outros” (Brandão, 2004, p.129). Mas esse foi um caminho diferente do dele, que teve uma origem urbana carioca e dedicou sua trajetória acadêmica pesquisando camponeses, por isso chama atenção para o campo da afetividade, “esse dado afeto que existe em vários lugares do mundo levando algumas pessoas com origem tão urbana, como a minha, a não apenas pesquisarem o mundo rural, e às vezes se afiliarem às causas populares rurais através dos seus movimentos, mas a quererem voltar ao mundo rural” (Brandão, 2004, p.129).

As autoras desse relato assim se identificam, enquanto pesquisadoras que se “afetam”¹ com as temáticas dos mundos rurais, tendo uma trajetória voltada para esses estudos e a realização de trabalhos de campo como possibilidade de criar interlocuções

¹ Entendemos o termo “afetar”, a partir do complemento que Martin-Barbero (2004) faz a Gramsci (2002), onde afirma que: “só investigamos de verdade o que nos afeta” (Gramsci, 2002) e “afetar vem de afeto” (Martin-Barbero, 2004).

para além das teorias, aprofundando nos conhecimentos tradicionais, compreendendo aspectos das diferentes culturas.

Em suas reflexões sobre como fazer trabalho de campo, Brandão (2007, p.17) fala da importância de “descrever a banalidade do cotidiano”, percebe esse ato como vivência, relação de intensa subjetividade, que requer ligação de confiabilidade entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. Alerta para as inúmeras dimensões que encontramos em campo e como é necessária atenção, desde a forma de inserção na comunidade às maneiras de conduzir entrevistas. A observação é necessária, vamos descrever tudo, onde, “a partir de um certo amadurecimento do que estou vendo e descrevendo, começo a entender determinadas organizações e relações” (Brandão, 2007, p.17). Entendemos, segundo suas contribuições, que descrever a banalidade é ir de encontro a densidade, por isso, ao descrever se inscreve o ofício de pesquisador numa pesquisa participante.

Brandão e Borges (2008) exprimem a pesquisa participante enquanto uma experiência que surgiu dentro de movimentos sociais e “alinha-se em projetos de envolvimento com ações sociais de vocação popular e que deve ser pensada como um momento dinâmico de um processo de ação social comunitária” (Brandão e Borges, 2008, p. 151), é envolver-se na realização da pesquisa, pois “uma verdadeira pesquisa participante cria solidariamente, mas nunca impõe partidariamente conhecimentos e valores” (Brandão e Borges, 2008, p.55).

Assim, o objetivo desse texto é mostrar o legado de Carlos Rodrigues Brandão na pesquisa participante do Norte de Minas Gerais, através das pesquisas do/no mundo rural realizadas pelo OPARÁ-MUTUM: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco (CNPq/Unimontes), grupo que fundou em 2011 e foi coordenador.

Opará-Mutum: a trajetória de um grupo de pesquisa participante

A palavra *Mutum* em Rosa (2001) representa lugar, no grupo indica o Norte de Minas, que através de sua trajetória histórica regional, demonstra ser plural, ambiental e culturalmente, de gentes e modos de vida. É o chão de vida de povos e comunidades tradicionais, de veredeiros, quilombolas, xakriabás, vazanteiros, geraizeiros e caatingueiros.

Opará é o nome indígena do rio São Francisco, do “Velho Chico”, que com sua extensão de 2.830 km, é um dos mais importantes cursos de água do Brasil e da América do Sul, passando por cinco estados e 521 municípios, atravessando Minas Gerais e Bahia². Rio que passa pessoas, mercadorias, banha meninos e culturas, que nas suas corredeiras se vê redes e pescadores, canoas e balsas no fluir das águas e da vida. Opará-Mutum de onde falamos: é lugar, é pesquisa, é história de movimentos e de grupo.

Tudo começou com o “Projeto Opará: Tradição, Identidades, Territorialidades e Mudanças entre Populações Rurais e Ribeirinhas no Sertão Roseano” (2007-2010), que deu origem ao nome do grupo. Este projeto foi uma pesquisa coletiva no Norte de Minas, com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia e a Universidade Estadual de Montes Claros.

Uma investigação solidária, mediante pesquisas de campo associadas a estudos e reflexões teóricas centradas nos conceitos presentes no subtítulo do projeto e na comunidade tradicional, como tema que perpassou todas as investigações, como lugar social quase único dos trabalhos de campo (Brandão, 2012b, p.10).

O relatório final, publicado como livro, intitulado “Cerrado, Gerais, Sertão: Comunidades tradicionais dos sertões roseanos” (Costa; Oliveira, 2012), teve seus capítulos organizados em quatro partes: “nas águas do rio”; “nas margens do rio”; “para além das margens do rio” e “os sertões roseanos - saber e teoria”.

Centrados na comunidade tradicional da região, representou uma virada neste tipo de estudos, pois passou a compreender as diversidades e os sujeitos das pesquisas como agentes de suas próprias interpretações de seus modos de vida. Brandão (2012a, p. 372) caracteriza as Comunidades Tradicionais como aquelas que *ali estavam* quando outros grupos *ali chegaram*. Entendemos que não se fazem tradicionais por estarem isoladas, por serem exóticas e imóveis, mas através da cultura e dos modos de vida diferenciados, que tem sua ligação não a um simples pedaço de terra e sim ao território tradicionalmente

² Informações disponíveis na biblioteca do IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=446973&view=detalhes>. Acesso em: 14 jun. 2023.

ocupado, lugar da ancestralidade, da memória do grupo e das relações que ali estabeleceram.

Em 2011 o grupo passou a ser reconhecido pelo CNPq, sob o nome de “OPARÁ: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Comunidades Tradicionais no Alto Médio São Francisco”³, dando continuidade às pesquisas do mundo rural Norte Mineiro, com o objetivo de pensar, analisar e refletir as culturas e os modos de vida cotidianos, os saberes, valores e práticas realizadas como diferentes dimensões de patrimônios culturais materiais e imateriais. Buscamos interagir junto às comunidades tradicionais, ao longo do Rio São Francisco para tornar visto, ouvido e reconhecido os seus conhecimentos.

Trazemos narrativas do Norte de Minas que absorvemos com os escritos e a presença dialógica do Brandão. Nesses anos de leituras de seus textos, ouvindo suas palestras e estando em campo com ele, aprendemos sobre o ofício de pesquisador com o intuito de demonstrar a importância de uma pesquisa crítica e da visibilidade a outras racionalidades e a todo o complexo de disputas e conflitos vivenciados no rural Norte Mineiro. Nossas pesquisas ao longo dos anos buscaram estabelecer narrativas e diálogos com as diversas identidades auto atribuídas na região, por grupos etnicamente diferenciados, que ao acionarem categorias identitárias, enfrentam lutas em prol da garantia dos direitos territoriais e do modo de vida.

Estabelecemos “uma relação produtora de conhecimento, que diferentes categorias de pessoas fazem, realizam” (Brandão, 2007, p.12), como exemplo, temos o projeto “Sujeito Agente – Pessoa Sertão: cultura popular e patrimônio cultural no Alto Médio São Francisco” (2012-2014, apoio FAPEMIG)⁴, que buscou um novo “olhar” sobre os modos de viver das comunidades tradicionais, numa interpretação do sujeito enquanto agente, no diálogo e na interação mútua e direta dos pesquisadores com os mestres dos lugares.

³ Nos últimos anos fomos desenvolvendo projetos com a temática dos processos migratórios em comunidades tradicionais, o que ocasionou uma mudança na nomenclatura do grupo, sendo agora registrado como: “OPARÁ-MUTUM: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco”.

⁴ A partir desse ponto do texto, vamos referir ao projeto apenas como: Sujeito-Agente.

A metodologia Opará-Mutum e o Sujeito-Agente

O Opará-Mutum possui uma experiência de anos de estudos na região, com pesquisas coletivas apoiadas por agências de fomento, bem como monografias, dissertações e teses vinculadas. O modo de pesquisar e o desejo de compreender a diversidade do mundo rural, são laços que unem o grupo em meio a interdisciplinaridade. A metodologia é predominantemente qualitativa, com enfoque em geografia humana, antropologia e sociologia, com a finalidade de compreender a densidade e complexidade dos distintos processos junto aos sujeitos.

Em 2012 iniciou o Sujeito-Agente, esse projeto reestruturou nossas estratégias de pesquisa, de modo que os até então sujeitos de estudos deixassem a passividade tradicional para atuarem e se tornarem co-autores.

Almejamos interagir com pessoas das comunidades mais atuantes nesses trabalhos, através de uma partilha mais ativa envolvendo homens e mulheres participantes no próprio processo de coleta de dados, de registros sonoros e visuais, e até mesmo no tratamento dos materiais de pesquisa e na sua destinação. Que um trabalho que é “sobre eles”, como sempre acontece, venha a ser também “deles”. E não apenas enquanto produto final, mas enquanto processos de construção (Paula; Brandão, 2012, p. 05).

O objetivo consistia em realizar o registro interativo da memória-viva e de pessoas do sertão, onde os sujeitos populares fossem agentes ativos da pesquisa, atores da cultura popular e das histórias locais.

A escolha das comunidades para o desenvolvimento do projeto baseou naquelas nas quais os pesquisadores já tinham feito um contato anterior de pesquisas, a saber, a comunidade de São Bento em Buritizeiro, Barra do Pacuí em Ibiaí e Buriti do Meio em São Francisco. Dedicaremos em trazer nesse relato detalhes da experiência nas Comunidades Barra do Pacuí e Buriti do Meio, onde as autoras deste texto atuaram.

As oficinas nas comunidades marcaram o início dos trabalhos. Foram organizadas e realizadas pelos pesquisadores do Grupo, que orientaram as equipes de moradores/pesquisadores, formadas em cada comunidade a partir de seus próprios critérios, como a disponibilidade em participar. Havia um roteiro com as ações a serem desenvolvidas, todavia foi reestruturado a partir da experiência prática, “fazendo a

oficina”. Alguns pontos para a escrita de um projeto como tema, problema, objetivos gerais e específicos, metodologia, técnicas, entre outros foram abordados. Após a separação em grupos menores, começaram a pensar possíveis temas para as pesquisas.

Nos dias seguintes a essa primeira etapa, os agentes trouxeram propostas de projetos, expostas em cartazes, onde debateram as sugestões e em plenária escolheram o tema, como bem apontado por Brandão, “porque não deixarmos também a eles o trabalho de traduzirem para eles e para nós aquilo que acreditam ser o lugar onde vivem, o território que habitam, o modo de vida que constituem, a experiência de cultura que criam e em que se enredam, com variados graus de autonomia?” (Brandão, 2012a, p. 371)

Explicamos ainda que o produto final seria a publicação dos resultados em forma de cartilhas, distribuídas nas comunidades, para que usassem da forma que escolhessem.

Essa experiência foi enriquecedora, pudemos perceber os temas que foram escolhidos, os pontos privilegiados quando falavam de suas comunidades, recortes que talvez pela ótica do pesquisador acadêmico, fossem diferentes. Depois da primeira oficina, a equipe de pesquisadores do grupo mantiveram o acompanhamento, intermediando as ações e etapas. O que em cada particularidade representou novos retornos a campo, oficinas para debater alguma técnica específica, ou para instrumentalizar a utilização dos equipamentos que ficaram com os moradores/pesquisadores, dentre eles, gravadores e câmeras fotográficas. A partir dos resultados formatamos as cartilhas, que quando aprovadas, foram levadas e compartilhadas em um momento de cerimônia em cada comunidade.

“Viva e Reviva”: dançando o São Gonçalo na Barra do Pacuí

Barra do Pacuí é uma comunidade ribeirinha do município Norte Mineiro de Ibiaí, localizada em um ponto de encontro entre o Rio São Francisco e o Rio Pacuí. Segundo Paula (2009), a formação da comunidade ocorreu em 1934, quando cinco homens saíram de uma fazenda em Pirapora, onde trabalhavam como meeiros e foram à procura de terras para comprarem, onde poderiam manter suas lavouras. Ao descerem em Ibiaí, foram informados sobre a existência de terras disponíveis para a venda. “Nas margens do rio delimitam que cada pé de manga representava uma família que ali se instalava. Os cinco

homens compraram o “direito de posse” de 48 hectares de terra que foram divididas” (Paula, 2009, p.141). Após trabalharem duro naquelas terras, em 1935 trouxeram suas famílias. Como nos falam Santos, Souza e Brandão (2009), essas primeiras famílias foram, “desenvolvendo ali atividades relacionadas à pesca e agricultura (em terra firme e em várzea). Com a agricultura obtinham gêneros alimentícios, como: arroz, feijão e milho” (Santos, Souza; Brandão, 2009, p.80), comercializados nos mercados às margens do rio.

Socializavam em diferentes ambientes, por meio de trabalhos em terra firme e nas ilhas. A religião predominante é a católica, tendo como lugar de uso comum a Igreja de Nossa Senhora Aparecida, espaço de oração e também reuniões, como no dia da devolutiva do Sujeito-Agente.

Durante a primeira oficina, a equipe de moradores/pesquisadores escolheram pesquisar sobre a tradição religiosa e cultural da Dança de São Gonçalo e todas as crenças que a envolve, como o “*dançar para pagar promessas*”, em forma de agradecimento a Deus pela graça concedida. Realizaram pesquisas através de fotos, vídeos, entrevistas, bibliografias, promovendo maior contato dos jovens com os moradores antigos, que viveram e vivem esse ritual de fé.

Em entrevista feita pelos moradores/pesquisadores, o senhor João Batista diz que “*o São Gonçalo então pra gente, não é uma dança de dança qualquer, é uma dança de preceito, de respeito*” (Cartilha, 2014a, p.8). Era tradição no lugar a realização de diferentes festejos, “Santo Antônio, São João e São Pedro, no mês de junho nas fogueiras; A Folia de Bom Jesus em agosto e a festa de Nossa Senhora Aparecida em outubro” (Paula, 2009, p.191). Já a Dança de São Gonçalo, acontecia em qualquer época do ano, antigamente apenas para o pagamento de promessas. A primeira vez que dançaram foi para pagar uma promessa da moradora Tia Nanu, que aprendeu e ensinou para os outros.

Passando por gerações a tradição foi se firmando e muitos vieram a substituir aqueles que não conseguiam mais dançar, caso da moradora conhecida como Mãe Joaquina, que contou sua história para os pesquisadores. Ela substituiu sua mãe, uma das cantoras do primeiro grupo, que já estava impossibilitada de cantar. Assim, Joaquina passou a ter a tarefa de “*puxar*” o canto.

O grupo, composto em sua maioria por mulheres, ficam em duas fileiras com a mesma quantidade, formando pares. São regidas por três homens, dois contra guias a frente de cada fileira e o capitão entre os dois. Além dos músicos, que tocam viola, violão e caixa pequena⁵. Sempre dançarão em número par e mesmo não havendo uma especificação de mínimo e máximo, orientam que não passe de vinte e quatro mulheres, para que as rodas, nome que dão aos movimentos coreográficos, sejam executadas de forma mais harmoniosa, já que requer espaço.

Como vestuário, todos devem estar de vestes brancas e descalços, as mulheres de saias e os homens de calças. Cada um dança segurando um arco feito de um cipó chamado *bugil*, que “são enfeitados pelas dançadeiras com papel de seda de forma uniforme, exceto o do Capitão que precisa se destacar dos demais. Este também é diferente dos outros, uma vez que é menor” (Cartilha, 2014a, p.19). As primeiras mulheres das filas, “*puxam*” o canto e todos respondem em coro: “*Viva e Reviva (2x) Viva São Gonçalo Viva! (2x)*”.

Antes a Dança de São Gonçalo era permitida apenas para pagar promessas, nos últimos anos passaram a se apresentar também em eventos culturais, já que houveram convites vindos do município de Ibiaí. A princípio não queriam dançar de forma meramente artística, pois temiam desrespeitar o santo. Como expressa o senhor Antônio:

Quando Deus deu São Gonçalo para apresentação, devido aquela fé que a gente já tinha, era uma coisa só de promessa, então eu ia assim meio ah. Depois eu fui me acostumando, que aí o povo já acha bonito né? Então com isso, a gente também não podia negar uns, mas... saiu porque a gente tem aquela fé dos tempos mais velhos (Depoimento de Antônio em entrevista para a equipe de moradores/pesquisadores, 2013 - Cartilha, 2014a, p.15).

Hoje resignificam, compreendendo que a dança de São Gonçalo é marca forte da cultura e identidade local e mesmo quando acontece como apresentação, realizam com a fé nas bênçãos de São Gonçalo.

Os ambientes da comunidade são muito significativos e percorrem o rito da dança, da busca do cipó, de preparar o arco e os instrumentos, está nas relações dos moradores. Muito mais do que o pesquisar a dança, está todo o envolvimento de homens, mulheres,

⁵ Instrumento de percussão, feito de madeira e revestimento de couro.

adolescentes e crianças, as etapas perpassadas no projeto, nos espaços da ilha, da casa, do quintal, da igreja, da praça. Isso foi expresso na cartilha de Barra do Pacuí, que celebrou São Gonçalo, uma afirmação da própria identidade. A Dança é uma manifestação do viver ribeirinho sertanejo, que confirma o sujeito rural de beira rio, beira sertão.

Comunidade Quilombola de Buriti do Meio: nossos saberes

O Quilombo Buriti do Meio se localiza no Distrito de Vila do Morro, município de São Francisco. Segundo Costa (2016), a comunidade recebeu este nome devido ter em suas laterais dois Buritis, sendo Buritizinho do Morro de um dos lados e Buriti Grande de outro, como o quilombo estava entre os dois recebeu o nome de Buriti do Meio.

Os moradores mais antigos narram que foi a partir da fuga do negro Euzébio Gramacho do estado da Bahia, passando por Grão Mogol, chegando onde hoje é o quilombo, e sua união com Dona Manuela que a história de Buriti começa. A partir dessa união nasceram sete filhos que se casaram com as mulheres de outras comunidades, com isso a comunidade foi sendo constituída chegando ao ano de 1937, com aproximadamente 32 famílias (Costa, 2016, 23).

Foi certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2004, passando a ser chamada de Comunidade Quilombola de Buriti do Meio. Após as primeiras atividades realizadas pela equipe de moradores/pesquisadores, foi possível reconhecer como tais atores são em si memória viva da história e da cultura. E com base nisso, intentar e incluí-los, como sujeitos atores, que interagem e dialogam com as mesmas.

Buscando compreender como se deu a formação da comunidade, os pesquisadores de Buriti do Meio focaram em fazer seu resgate histórico, apreendendo os modos de vida, saberes e estratégias de sobrevivência através do tempo. Dados importantes sobre a história foram coletados a partir de imagens e entrevistas com moradores antigos, resignificando o ser-tão quilombola.

Para Dona das Neves de Buriti do Meio, “*ser quilombola é lutar, ser quilombola é resistir, ser quilombola é rezar, ser quilombola é festejar, ser quilombola é afirmar!*”. Trouxeram essa resistência através dos saberes, da natureza, da culinária e principalmente do artesanato pelas mãos das mestras do lugar, as artesãs do barro. Dona das Neves é uma

artesã que aprendeu com sua avó a moldar o barro ainda criança e que relata como a comunidade começou a fazer o artesanato:

Ela (a negra) fez a feijoada só que ficou muito preta. [disse ela] Lá na minha terra a gente faz na panela de barro, mas aqui não tem. Aí eles perguntaram como que é, e ela falou: Vai lá na nascente e aprofunda três metros, arranca o barro que tiver e traz pra mim fazer a panela. Aí eles foram, arrancou o barro e levou para ela e lá ela fez o processo todo, tudo que nós fazemos hoje(...). Aí surgiu disso, depois surgiu o pote também para beber água, o pote que é mais sadio, porque bebia água só nas cabaça da cisterna. E também ensinou a telha, todo ano eles tinham muito prejuízo porque perdia as rapaduras aí pegou o barro e pôs na coxa e fez a telha grande para cobrir o engenho e também fez copos. (Donas das Neves, entrevista concedida a Rodrigues, 2013, p.41).

O artesanato em argila foi a forma que muitos tinham para reproduzir a vida, a fabricação das panelas, potes, botijas, pratos, gamelas, vasos ornamentais, bonecas, esculturas, imagens, jarros, garantiam a sobrevivência das famílias quilombolas.

Por quase dois anos, os moradores de Buriti do Meio, viveram, reviveram, registraram e construíram seus saberes de forma a contarem o que é ser quilombola, valorizando a cultura de um povo negro, seus modos de vida, tendo como resultado final uma cartilha: deles, por eles e para eles.

Considerações Finais

Encaminhamos para nossas considerações finais, reafirmando as contribuições da pesquisa participante no ofício de pesquisar e durante a realização do Sujeito-Agente. Os moradores/pesquisadores relataram ao se verem e verem seus trabalhos nas páginas das cartilhas construídas, a importância de um material que fala “deles”, produzido por “eles”.

Vivemos em diálogo experienciando todas as etapas. As devolutivas ocorreram em 2014, numa celebração em cada uma das comunidades. Os moradores passaram longos momentos se vendo nas páginas das cartilhas, que foram distribuídas entre as casas, levadas às escolas e associações comunitárias. Jovens relataram aprendizados entrevistando os mestres do lugar, os mais velhos se alegraram em poder rememorar sobre as histórias que viveram. Foram eles os agentes desse projeto.

A partir da trajetória de parceria com Brandão, seu aporte teórico e seu legado de pesquisador, foi possível realizar o Sujeito-Agente e por meio dele, o Grupo Opará-Mutum, compreendeu que o viver no sertão Norte Mineiro tem especificidades relacionadas ao ambiente onde se vive e que rezar, dançar, celebrar, moldar o barro, são modos de viver que constroem a identidade do ser sertanejo, rural, tradicional, ribeirinho, quilombola.

As Comunidades buscaram olhar para si com a vontade e inquietação de descobrirem e relatarem aquilo que desejavam expor. Entre 2012 e 2014, os moradores viveram, reviveram, registraram e construíram seus próprios saberes de forma a contarem o que é ser e viver uma Comunidade Tradicional. A metodologia de pesquisar junto e com os moradores do lugar, propiciou compreender o viver sertanejo através do homem e da mulher do rural, não só através de quem escreve sobre eles, mas de quem vive o sertão. Os pesquisadores escutaram o que diziam os sujeitos, quais eram, seus saberes, seus imaginários e suas memórias.

A reestruturação das estratégias de pesquisa foi o maior desafio do projeto, mas também sua maior beleza. A cartilha partilhou um conhecimento e foi uma forma de leitura da história do povo do sertão pelo povo do sertão.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Comunidade Tradicional. In: COSTA, João Batista Almeida; OLIVEIRA, Cláudia Luz de (orgs). **Cerrado, Gerais, Sertão: Comunidades tradicionais dos sertões roseanos**. São Paulo: Intermeios; Belo Horizonte: FAPEMIG; Montes Claros: UNIMONTES, 2012a.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Revista Sociedade e Cultura**, Vol. 10, n.1, p. 11-27. 2007.
DOI: <https://doi.org/10.5216/sec.v10i1.1719>

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sertão, Minha Casa. In: COSTA, João Batista Almeida; OLIVEIRA, Cláudia Luz de (orgs). **Cerrado, Gerais, Sertão: Comunidades tradicionais dos sertões roseanos**. São Paulo: Intermeios; Belo Horizonte: FAPEMIG; Montes Claros: UNIMONTES, 2012b.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, n. 1, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sobre a tradicionalidade rural que há em nós. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de e MARQUES, Marta Inez Medeiros (Orgs.). **O campo no século XXI**. São Paulo: Editora Casa Amarela/Editora Paz e Terra, 2004: 121-132.

CARTILHA. **“Viva e Reviva”**: dançando o São Gonçalo na Barra do Pacuí. Realização: OPARÁ-MUTUM: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco (CNPq/Unimontes), 2014a.

CARTILHA. **Comunidade Quilombola de Buriti do Meio**: nossos saberes. Realização: OPARÁ-MUTUM: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades Tradicionais do rio São Francisco (CNPq/Unimontes), 2014b.

COSTA, João Batista Almeida; OLIVEIRA, Cláudia Luz de (orgs). **Cerrado, Gerais, Sertão: Comunidades tradicionais dos sertões roseanos**. São Paulo: Intermeios; Belo Horizonte: FAPEMIG; Montes Claros: UNIMONTES, 2012.

COSTA, Laís Pereira. **“MIGRANTES ERRANTES” AS TRAVESSIAS NO QUILOMBO BURITI DO MEIO**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais Bacharelado) - Universidade Estadual de Montes Claros. 2016.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

IBGE. **Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Rio São Francisco**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=446973&view=detalhes>. Acesso em: 14 jun. 2023.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de Cartógrafo**: Travessias latino americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de. **TRAVESSIAS - Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas Gerais**. Tese (doutorado) Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG. 2009.

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (coord). **Sujeito Agente – Pessoa Sertão**: cultura popular e patrimônio cultural no Alto Médio São Francisco. 2012.

RODRIGUES, Mauro Toledo Silva. **Sertão de Preto**: As representações identitárias e territoriais em uma comunidade quilombola. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais Bacharelado) - Universidade Estadual de Montes Claros. 2013.

ROSA, João Guimarães. Campo Geral: *In: Manuelzão e Miguilim*. Editora Nova Fronteira, 11ª edição, 2001.

SANTOS, Rodrigo Herles; SOUZA, Ângela Fagna Gomes de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. BARRA DO PACUÍ – MODO DE VIDA, TRABALHO E AMBIENTE. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 10, n. 30, p. 78–92, 2009.
DOI: <https://doi.org/10.14393/RCG103015966>

Recebido em 15/11/2023.

Aceito para publicação em 08/02/2024.